

A PRÓXIMA FRONTEIRA: NOTAS PARA UMA COMPREENSÃO DAS DISTINÇÕES DO FEMININO NO ESPORTE

Alexandre Jackson Chan-Vianna

Universidade Gama Filho

E-mail: a.jackson@uol.com.br

Ludmila Mourão

Universidade Gama Filho

E-mail: ludmila.mourao@terra.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever a participação de mulheres em esportes de tradição masculina. Apresenta um panorama da história das mulheres no esporte, seguida de análise do envolvimento delas com os esportes coletivos de confronto em um projeto socioesportivo na cidade do Rio de Janeiro. Os dados empíricos foram coletados em estudo etnográfico com atenção para o mapa de orientação cultural, para observar por onde, e como, se movimentam as praticantes dos esportes de tradição e predomínio masculino. Utilizou-se de questionários, entrevistas e diário de campo para coleta de dados. A descrição e a interpretação da movimentação das mulheres na prática esportiva de lazer de tradição masculina abriu caminhos para a compreensão do fenômeno da transgressão das normas e da construção das novas narrativas identitárias, que vão transformando as representações do feminino em nossa cultura.

Palavras-chave: mulheres; esporte; identidade.

Introdução

Este artigo trata do fenômeno esporte, com enfoque no gênero, e apresenta a participação das mulheres em esportes de tradição masculina na perspectiva do lazer esportivo. Para analisar este movimento, o texto organiza-se em duas partes. Primeiro, apresenta um panorama da história das mulheres no espaço do lazer esportivo. Em seguida, analisa as mulheres envolvidas com os esportes coletivos de confronto em um projeto socioesportivo. Os dados empíricos foram captados em estudo etnográfico neste projeto, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Diversos instrumentos de coleta foram utilizados – observação e registro em diário de campo, *surveys*, entrevistas e questionários. Posteriormente, os dados foram reunidos, cruzados e interpretados. O desafio foi lançar o olhar no mapa de orientação chamado cultura, no qual convivem tradições e transgressões, para observar por onde, e como, se movimentam as praticantes dos esportes de tradição e predomínio masculino do local. A finalidade é apontar caminhos e estratégias para a compreensão da participação das mulheres no mundo esportivo contemporâneo.

As mulheres e os esportes de homem¹

O Centro Esportivo Miécimo da Silva (CEMS), localizado no subúrbio do Rio de Janeiro, é o maior aparelho de lazer esportivo da cidade do Rio de Janeiro. Neste complexo funcionava um projeto socioeducativo, da prefeitura da cidade, que tinha nas aulas de iniciação esportiva gratuitas, sua principal referência, pois disponibilizava, em 2006, mais de 25 modalidades de atividades físico-desportivas, com capacidade de absorver um público semanal de 15.000 usuários. Por direcionamento de seus agenciadores políticos, a inclusão social deveria ser o princípio norteador das ações pedagógicas de seus profissionais. Por consequência, todas as atividades deveriam ser abertas para todas as pessoas.

Eu atuava como professor de educação física e ocupava um cargo de gestão em uma das equipes deste projeto. Na condição de líder da equipe, responsável pelo desenvolvimento de três modalidades esportivas, questionava a baixa participação feminina nas modalidades de handebol e basquetebol. Na terceira modalidade, o voleibol, o número de mulheres apresentava uma relação numérica mais equitativa em relação aos homens. Esse fato se traduzia em forte argumento para transferir aos professores das duas primeiras modalidades a responsabilidade pela ausência de resultados semelhantes.

¹ A grafia em itálico no texto se refere aos termos nativos encontrados nas observações.

A indignação acerca desse quadro de participação feminina me impelia à acusação de prática discriminatória e preconceituosa. Os(As) professores(as), por sua vez, contra-argumentavam dizendo que, apesar de as turmas estarem abertas à entrada de mulheres, elas pouco apareciam. A hipótese deles(as) estava relacionada à dificuldade de elas se adaptarem aos esportes com características masculinas. Isso era, segundo eles(as), um *fato cultural* e, portanto, uma situação difícil de ser resolvida por meio de suas intervenções pedagógicas. Este argumento se tornou inviável na medida em que não apontava soluções para a baixa frequência feminina; entretanto, apresentava-se como complexo e de difícil solução, pois não conseguíamos contribuir com propostas concretas que ajudassem a melhorar a situação.

Nesse mesmo local, no qual o propósito era perseguir a democratização das práticas de atividades físico-esportivas, observávamos à distância um grupo de mulheres que jogava futebol. Ao contrário das turmas de handebol e basquetebol, esse grupo era grande e apresentava uma frequência mais constante às aulas. Além disso, o que se verificava em um primeiro olhar era que, ao contrário das nossas turmas mistas, aquela turma de futebol era exclusiva de mulheres.

Parte dos(as) professores(as) que atuavam na equipe, explicavam a maior frequência daquelas mulheres na turma de futebol como mais uma evidência do argumento utilizado por eles, para a ausência feminina em suas modalidades. Eles(as) afirmavam que as que praticavam esporte ali não eram *exatamente mulheres*. Os(as) professores(as) atribuíam as diferenças daquele grupo às características típicas de mulheres que jogavam futebol – *masculinizadas, homossexuais, desordeiras* – e que aquele seria o lugar certo delas. Confessavam, ainda, que não saberiam o que fazer se elas estivessem em suas respectivas turmas.

Esses diálogos entre os(as) profissionais do projeto, defendendo explicações sobre as *meninas que jogam bola* e sobre nós mesmos, na definição de Goffman (1998), é uma marcação das identidades sociais. Nós estávamos estabelecendo, segundo nossas expectativas, os atributos que cada um deveria apresentar, de acordo com a posição em que se encontravam. Goffman explica que a sociedade nos oferece este mecanismo de expectativa normativa para cada situação. É por meio desse mecanismo, quando em interação, que se torna possível iniciar e manter relacionamentos com outras pessoas não familiares. Assim, por exemplo, eu esperava que os meus colegas preenchessem a minha expectativa do que deveriam fazer os *educadores*. Eles, me identificando no papel de líder, esperavam que eu apontasse solução para o problema, sem que provocasse *uma mistura nas turmas*.

Nós todos ali, na busca por solucionar nossos problemas, partimos de uma imputação feita por um retrospecto em potencial, uma "identidade social virtual" (GOFFMAN, 1988), que reconhecíamos com o nome *mulher*. Para muitos(as) professores(as), as atitudes pessoais e o local em que aquelas mulheres estavam não correspondiam ao que tinham previsto como critério inicial de normalidade para tal categoria de pessoas. Eles passaram então a classificar subdivisões nas quais elas pudessem ser incluídas. Para restabelecer uma ordem, eles definiram a identidade de cada grupo, de acordo com a posição em que estavam e com seus referenciais originais do que seria masculino e feminino e de como deveria ser a praticante de cada uma daquelas modalidades.

Observei, nos vários locais em que atuei como praticante de esportes coletivos e também como professor, que é recorrente uma visão do senso comum que diferencia as práticas esportivas mais adequadas para homens e mulheres. Apesar de existir a participação de mulheres em todas as modalidades esportivas, a utilização das expressões *esporte mais de homem* e *esporte mais de mulher* são usuais e diferencia os espaços em que cada pessoa pode transitar. Assim, caso uma pessoa escolha um daqueles esportes correspondente ao seu sexo estará bem posicionada, caso se oriente pelo inverso estará desviada e ocupando espaço alheio.

Além disso, para as pessoas que, como eu, participaram de diferentes ambientes multiesportivos, é notório observar que nos identificamos e somos identificados pelo tipo particular de comportamento e estilo que o praticante de cada esporte carrega. Talvez, pelos mesmos mecanismos de classificação que Goffman sugere, o esporte ao qual se pertença, quando da adesão efetiva, marca a identidade do sujeito para além do esporte. Marca, inclusive, para os outros, conscientemente ou não, positivamente ou não, que qualidades de caráter e atitude o sujeito pode nos oferecer.

Para o sujeito que pratica uma modalidade apaixonadamente, as características particulares do seu esporte também passam a ser, muitas vezes, idealizações de atitudes e valores para si em outros segmentos da vida. Seu esporte se transforma em estilo de vida, eventualmente, uma espécie de doutrina. Essas pessoas vão-se encontrando, formando seus grupos e se homogeneizando. Em alguma medida, isso acontece por agregarem novas pessoas iguais às do grupo iniciado; em outra, pelo processo de compartilharem internamente os mesmos comportamentos considerados positivos no grupo. Parecem existir, então, razões significativas, tanto íntimas como de interação com os outros, para se identificar e permanecer em uma atividade esportiva.

Decerto que essas equações não são homogêneas. Nas minhas diversas vivências com o esporte, observei que, dependendo do local e estrato social ao qual pertencam os(as) praticantes, ou do nível de familiaridade que estes tenham com o ambiente de atletas, a percepção de que existe algo errado em mulheres praticando *esportes de homem* pode ser mais ou menos acentuada. No entanto, na visão do senso comum, as mulheres que praticam as modalidades de basquetebol, handebol e futebol, principalmente quando são jogadoras com bom desempenho atlético, são frequentemente identificadas como sem postura, viris, agressivas, masculinas. A essa identidade, contrária ao modelo tradicional do feminino, vincula-se a percepção de um desvio do padrão heterossexual, estabelecido como norma em nossa sociedade. Em muitas situações, essa percepção ainda carrega, associada a ela, acusações morais contra a personalidade e o caráter das praticantes.

Goffman (1988) explica essa situação como um estigma – um tipo particular de identidade social, percebido como um atributo profundamente depreciativo e de inferioridade, estabelecido pelas pessoas que, em determinado contexto, estão numa posição considerada normal em relação a outras que se desviam desse padrão. O estigma estabelece, a partir de um atributo não desejável aos considerados normais, que a pessoa estigmatizada deixa de ser uma pessoa comum e total, sendo reduzida a uma espécie inferior e menos desejada pelos seus defeitos. Com isso, quem recebe o estigma perde a possibilidade de apresentar sua “identidade social real” – os atributos que prova possuir. Isso vai nortear o comportamento, do “normal” e do “estigmatizado”, no decorrer das interações no espaço social em que convivem.

Numa outra dimensão, se olharmos pela exposição da mídia, poderíamos dizer que, nos dias de hoje, as mulheres praticam indistintamente todos os esportes como os homens, sem restrições de ordem moral ou discriminatória. No entanto, o fato de assistirmos competições nacionais ou internacionais femininas não é uma garantia de que a prática dos esportes esteja se democratizando na mesma proporção para homens e mulheres e em todos os lugares. Nas modalidades femininas de basquetebol e futebol, por exemplo, as profecias da conquista de medalhas olímpicas nas seleções nacionais, da existência de ídolos e dos resultados internacionais como catalisadores de investimentos e popularização, não se confirmaram nas últimas duas décadas, como aconteceu em outras modalidades, masculinas e femininas.

Ao desembarcar no Brasil com o troféu de melhor jogadora de futebol do Mundo, a atleta Marta concedeu uma entrevista para TV explicando seu feito. Após agradecer de início aos familiares e justificar o prêmio devido a seu esforço pessoal, como é de costume em todas essas entrevistas, a feição do

rosto dessa mulher foi-se transformando de uma aparência tranquila e feliz do início da entrevista, para outra de constrangimento, onde os olhos perdidos já não se fixavam na câmera. Com a cabeça se esquivando para o lado e para baixo, em tom de desabafo, anunciou com extremo rancor – “isso é pra provar pra muita gente que sempre falou muita besteira sobre mim, sempre falaram o que não tinha nada a ver. Ta aí, ó!”. Se não podemos saber o que se passava na mente da atleta, podemos perceber o incômodo vivido cotidianamente, e supor o quanto foi duro, durante a vida, as explicações que teve que dar para justificar sua predileção pelo futebol e a competência em praticá-lo. Se isso acontece com a melhor jogadora do Mundo, comprometida profissionalmente com a atividade, podemos supor o quanto este tipo de esporte tem que ter significado especial, para que muitas mulheres permaneçam praticando-o no seu tempo livre, como atividade de lazer.

Este fato ocorreu poucos meses depois de a própria jogadora, juntamente com a equipe brasileira, ter feito a final dos Jogos Pan-americanos, em 2007, no estádio do Maracanã, para um público, inesperado para muitos, de mais de 60 mil pessoas. Não fosse suficiente o fato de um jogo feminino de futebol mobilizar tantas pessoas, não observei, naquele dia, nenhuma reação discriminatória por parte da torcida, pelo fato de estar ocorrendo um jogo *mais de homem* com participação de mulheres. Quando isso ocorreu, a exaltação da torcida foi para enaltecer as jogadoras, comparando-as como melhores do que os homens, pois no mesmo período, a seleção masculina não estava alcançando os resultados esperados. Mas essa demonstração de enaltecimento do jogo feminino à distância, seja na TV ou nas arquibancadas, não parece se repetir na mesma proporção, quando se trata de prestigiar pessoas com que se tenha maior proximidade de convivência.

É preciso compreender os fenômenos que vinculam os esportes coletivos de confronto à identidade masculina e, assim, superar o tal *fato cultural* que nos impede de perceber diferentes escolhas das mulheres no mundo do esporte. Entretanto, embora esse fenômeno se configure, aparentemente, como uma exclusão, sempre existiram aquelas que insistiam e superavam tal situação para praticar o jogo. Este estudo se interessa por observar, justamente, tais mulheres e os grupos aos quais pertencem, para compreender como elas orientam suas ações para transgredir a norma.

Os esportes coletivos de confronto e a modernidade

O espaço público, de domínio hegemonicamente masculino, vem-se modificando ao longo dos tempos, em decorrência dos avanços conquistados

pelas mulheres em diversos setores da sociedade. Um número cada vez maior delas vem ocupando espaços também no mundo do lazer esportivo. Esse processo histórico se faz de transgressões e concessões, de forma que homens e mulheres, a cada geração, apesar de encontrarem maior possibilidade de movimentação neste campo, se esbarram em novas demandas por igualdades e liberdades.

Em nossos dias, homens e mulheres apresentam comportamentos diferentes na prática de atividades físicas no lazer esportivo. Salles Costa *et al* (2003), ao estudar as opções de lazer de adultos de uma instituição de ensino, observaram que os esportes mais praticados por homens estão caracterizados como sendo coletivos e de uso da força muscular, enquanto que os esportes mais praticados pelas mulheres se caracterizam por serem individuais e ligados com o objetivo de controle da imagem corporal. Este dado da nossa cultura pode ser observado, de uma forma geral, em todos os ambientes multiesportivos, nos quais as atividades com características de uso da força são em geral as lutas, a musculação e os diversos esportes coletivos de confronto.

Dunning (1992) define “desportos de confronto” como aqueles que “constituem áreas privilegiadas para uma expressão socialmente aceitável, ritualizada e mais ou menos controlada de violência física”, e destaca aqueles que se caracterizam por envolver “uma representação de luta entre duas equipes”. Partindo dessa análise, utiliza-se para este estudo o termo esportes coletivos de confronto para abranger as modalidades de basquetebol, handebol e futebol/futsal.² Presentes no local estudado, estão as modalidades da tradição da cultura escolar e de lazer brasileira, com as características citadas por Dunning, e que tem suas origens históricas semelhantes às desenvolvidas na tese do autor.

Observando a importância social que a transformação das relações entre os sexos exerce em nossos dias, o autor propõe o ponto de partida para uma teorização que dê conta de sustentar as formas de domínio masculino e as transformações que a acompanham na área do esporte. A partir de dados britânicos do século XIX, o autor analisa a origem do esporte de confronto como área masculina reservada e o seu papel, mesmo que secundário, de produção e reprodução da identidade masculina. Este tem-se tornado um referencial recorrente nos estudos de gênero na educação física.

Dunning parte da ideia da interdependência de homem e mulher como uma relação de poder e da violência e confronto como características da vida social. Sugere, então, que seja “razoável aceitar que o nível de formação

² Utilizo conjuntamente os dois esportes no estudo devido às praticantes do estudo se apropriarem dessas duas modalidades indistintamente, no seu espaço de lazer esportivo. A partir daqui, utilizarei apenas futebol.

do Estado, em especial o grau em que o Estado é capaz de conservar um monopólio efetivo sobre a utilização da força física, é, provavelmente, a influência mais significativa de todas” (p. 393) para o desequilíbrio de poder oscilar a favor dos homens.

A hipótese levantada por Dunning em sequência a este apontamento é que, por meio do conhecimento tecnológico e do controle da violência, quanto mais a civilização avança, mais o equilíbrio de poder entre os sexos se estabelece. É no avanço desse processo civilizador que o autor analisa os “desportos de confronto” como área reservada de manifestação do espírito da “tradição do macho”. Dunning afirma que todos os esportes são competitivos por natureza e por isso possibilitam a emergência da agressão, mas é nos esportes de confronto,

onde a violência, na forma de representação de luta ou de confronto simulado entre dois indivíduos ou grupos, é um ingrediente fulcral e legítimo [que na sociedade atual se torna área privilegiada para] uma expressão socialmente aceitável, ritualizada e mais ou menos controlada da violência física (p. 394).

Os clubes em que se praticavam estes esportes, na perspectiva de Dunning, seriam exemplo de locais criados e controlados pelos homens para garantir um espaço em que pudessem exercer sua expressão de masculinidade e de forma simbólica “imitar, reificar e caluniar as mulheres, que, então, mais do que nunca, representavam uma ameaça ao seu estatuto e à imagem que tinham de si próprios” (p. 410). A tradição desses esportes traz consigo a marca de uma atividade criada e praticada por homens, e também, com características inerentes de agressividade,³ força, competitividade e de estratégias em grupo para o seu melhor desempenho. As mulheres, enfim, precisariam avançar ainda em suas conquistas sociais mais emergentes até se aventurarem efetivamente nesse espaço reservado masculino.

Ainda na primeira metade do século XX, no cenário brasileiro, já se observa um alargamento do espaço das mulheres para além do dever privado e sua expansão para o espaço público com conquistas no trabalho e no lazer (MOURÃO, 1996; SOARES, LEAL, LOVISOLO, 1996). Esses avanços se deram com tensões e, mesmo quando promovendo a participação feminina, eram marcados pela reação e inércia da cultura hegemônica masculina, que representava na mídia impressa a condição das mulheres com “marcas de fragilidade, de inferioridade e subordinação quando comparado ao discurso sobre o homem” (MOURÃO, 1996, p. 62). Neste contexto histórico, as mulheres parecem ter encontrado

³ O termo agressividade é usualmente utilizado nos esportes para caracterizar uma atitude positiva do jogador de tomada de decisões, liderança, iniciativa, proatividade e não apenas de uso da violência, mas esta também é uma característica desejável e valorizada em determinadas situações do jogo pelos seus praticantes.

espaço de emancipação na combinação de interesses sociais do mercado com o próprio desejo de conquistar sua valorização como sujeito.

O papel social designado para as mulheres, construído ao longo da história, está relacionado a atividades ligadas ao comportamento de passividade, submissão e exigência dos padrões de beleza e feminilidade. Segundo Mourão, relatando ainda o século XX, “a simples prática de exercícios pela mulher representava socialmente uma violência à sua estética corporal, uma ameaça à sua graciosidade e beleza” (1996, p. 63). Demonstrando a força desse papel refletido no campo das atividades físico-esportivas, apontava-se a natação, as ginásticas, as danças e o voleibol como atividades sugeridas e incentivadas às mulheres e as modalidades de lutas ou esportes coletivos de confronto, como futebol e handebol, desaconselhadas ou até mesmo proibidas por lei (MOURÃO 1996; SOARES, LEAL, LOVISOLO 1996; SARAIVA 2005). Porém, a participação de mulheres nos esportes coletivos de confronto já era registrada e observada neste período. Assim, apesar das condições socioculturais mais amplas, as mulheres já encontravam brechas e transgrediam o conjunto das normas estabelecidas.

Esta movimentação do feminino no esporte é um exemplo característico do que Giddens (1991, 2002) e Hall (2005) definem como o cenário da alta modernidade, ou modernidade tardia. Este período, que representa os últimos 50 anos, traz mudanças profundas na sociedade. A modernidade “refere-se ao estilo, costume de vida ou organização social que emergiu na Europa a partir do século XVII e que, ulteriormente, se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, p. 11). Este período representa uma descontinuidade entre as ordens sociais tradicionais e as instituições sociais modernas. A tradição, por sua vez, modo de vida social que caracterizou a vida pré-moderna, é explicada por Giddens como

um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes, por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes (1991, p. 31).

Hall (2005) e Giddens (1992; 2002), interpretam, então, que, como consequências da modernidade, surgem novas identidades culturais que provocam mudanças em um nível até da subjetividade e intimidade dos sujeitos. Giddens aponta que a globalização promove a ampliação do tempo-espaço na vida local, provocando um desencaixe das instituições sociais tradicionais. O projeto da modernidade, que era de superar os dogmas da tradição, no entanto, muito distante de conseguir elucidar uma verdade única, produziu diversidade e, conseqüentemente, incertezas. A garantia de estabilidade, baseada numa

moral tradicional, dissolveu-se, e as múltiplas possibilidades de escolha fizeram com que as identidades do sujeito se tornassem fluidas e dependentes de uma reorganização constante do indivíduo. O “estilo de vida” construído como “projeto reflexivo do eu” (GIDDENS, 2002), passa a ser fundamental para se constituir uma narrativa coerente que dê sentido à existência de cada um. Hall sugere ainda que estas mudanças estruturais, que estão fragmentando as paisagens culturais, estão mobilizando o sujeito, inclusive, para experimentar crises de identidade.

Ao contrário da modernidade, Giddens aponta que a ordem social construída na tradição valoriza a transmissão oral e os símbolos do passado para vincular a experiência das gerações. A tradição é “um meio organizador da memória coletiva” (GIDDENS, 1995, p. 82). Assim, a tradição opera estabelecendo costumes locais que se tornam hábitos. Estes são reforçados pelos rituais, que tem como função garantir a familiaridade, ou seja, formar o ambiente seguro numa comunidade, por meio da homogeneização de todas as pessoas.

Tradição e modernidade, como modos de vida social característicos de diferentes épocas, estão presentes na atualidade, ora se completando, ora entrando em desajustes. É exatamente nesse cenário que se encontravam as pessoas que viveram comigo aquele problema original – a participação de mulheres nos esportes coletivos de confronto. Nós não poderíamos deixar de ver aquela situação de acordo com a percepção, mais moderna ou mais tradicional, que cada um possuía para classificar aquelas mulheres jogando esportes masculinos. A inquietação era de que, em geral, as mulheres tinham maior dificuldade em participar dos esportes coletivos de confronto, mas o grupo do futebol não me deixava repousar no argumento de que o único fato relevante para isso seria a condição de as praticantes serem mulheres.

As mulheres e o lazer esportivo

São imprecisos os registros para demonstrar se está havendo um crescimento nas últimas décadas da participação das mulheres nos esportes coletivos de confronto nos espaços de lazer, como se supõe no cotidiano da prática profissional de educação física. Pasko (2005) aproxima-se desta realidade em um levantamento quantitativo da cultura físicoesportiva, dos alunos do último ano do ensino fundamental, na rede pública da cidade do Rio de Janeiro. O estudo reafirma o padrão do interesse predominante das meninas, dentro e fora da escola, pelas atividades ligadas ao seu papel social tradicional, mas demonstra também que a sua participação e interesse nas modalidades esportivas coletivas de confronto é significativa. Parece evidente que este é um

espaço em movimentação no mapa cultural e, efetivamente, uma demanda latente, como veremos a seguir.

A partir do levantamento de dados no CEMS,⁴ por meio da observação do cotidiano e de um controle de frequência de metade das turmas existentes nas modalidades de GRD,⁵ dança, ginástica localizada, voleibol, judô, handebol, basquetebol e futebol, na faixa etária acima de 15 anos, observamos que existe participação de mulheres em número total superior aos homens e que elas estão em todas as atividades – um dado significativo das conquistas femininas – mas que estão realmente mais presentes nas atividades relacionadas à estética e ao bem-estar corporal do que nas atividades que sugerem a combinação de confronto físico e competição.

Quadro 1 – Participação de mulheres acima de 15 anos em algumas das atividades oferecidas no local

ESPORTES	GRD	DANÇA	GINÁSTICA	VÔLEI	JUDÔ	HAND	BASQ	FUT	TOTAL
MULHERES ¹	15/15	25/25	102/107	3/16	12/32	8/13	2/18	18/54	185/280
ÍNDICE ²	1	1	0.9	0.2	0.4	0.6	0.1	0.3	0.7

¹ Refere-se ao número de mulheres sobre o total de alunos em cada modalidade.

² Um índice qualitativo para facilitar a visualização de predomínio de sexo na atividade.

Se o índice estiver entre 0,1 e 0,4 representa predomínio masculino e entre 0,6 e 0,9, predomínio feminino na atividade.

Como podemos observar, ainda no Quadro 1, as atividades de ginástica e dança têm predomínio ou quase exclusividade das mulheres,⁶ enquanto nas modalidades de voleibol, judô, handebol, basquetebol e futebol, a participação proporcional das mulheres é muito menor. Este quadro reforça a divisão e o predomínio da participação das mulheres nos esportes ligados aos papéis tradicionais do gênero feminino, sendo apenas o voleibol desviante dessa análise.

Aproximando o foco nas modalidades em que o índice qualitativo aponta as mulheres como minoria e estendendo a análise em um corte por faixa etária (Quadro 2), observamos uma perspectiva de movimento. O indicador qualitativo de predomínio de sexo mostra um crescimento proporcional das mulheres nas modalidades de futebol e handebol, na medida em que a faixa etária aumenta; ele se mantém no judô e cai nas modalidades de voleibol e basquetebol. Podemos inferir que existe um deslocamento acentuado das meninas de outras

⁴ Realizado na entrada do autor como pesquisador, um ano após ele ter deixado o local como profissional da instituição.

⁵ Ginástica Rítmica Desportiva

⁶ Nas observações de campo foi identificada a participação de alguns poucos homens nessas modalidades nas turmas que não constavam na amostra do survey, mas isso não seria suficiente para modificar os seus índices.

modalidades, ou mesmo de novas alunas, para as modalidades de handebol e futebol a partir da adolescência.

Quadro 2 – Índice de predomínio feminino por faixa etária

ESPORTES	VOLEI	JUDÔ	HAND	BASQ	FUT
5-10 ANOS ³	0.4	0.2	0.4	0.4	0.0
11-15 ANOS	0.7	0.4	0.5	0.1	0.0
+ 15 ANOS	0.2	0.4	0.6	0.1	0.3

³ As modalidades de handebol, basquetebol e voleibol apresentam o mesmo índice nesta faixa etária em virtude de, no período em que foi feita a coleta de dados, a iniciação dessas modalidades era feita conjuntamente sob o nome de Jogos Infantis e recebia os matriculados nas três modalidades.

Independentemente do número absoluto de participantes e sempre comparando ao número de homens, é a partir da fase da adolescência que se registra maior crescimento das mulheres nas modalidades coletivas de confronto. Algumas observações de campo evidenciam mais precisamente estes dados. O judô apontou uma ressalva significativa para a constância de seus índices – é a única modalidade com a existência de equipes regulares em competições federadas, o que contribui para a permanência das mulheres que efetivamente tem compromisso ou sonho com uma carreira de profissionalização esportiva. Já o basquetebol foi o único esporte de confronto em que não existia turma exclusiva de mulheres maiores de 15 anos, o que inibia a entrada e a permanência de iniciantes. É também bastante significativo que exatamente o voleibol – esporte da tradição feminina e desviante no dado anterior – apresente a maior variação entre todas as faixas etárias e modalidades, indicando grande diminuição da participação de mulheres na mudança da adolescência para a fase adulta.

Apesar da pouca participação feminina nos esportes coletivos de confronto no âmbito do lazer, observa-se no CEMS uma ocupação de mulheres adolescentes nesses espaços de predomínio masculino, reconhecidos como *esportes de homem* na cultura local. Os dados e observações sistemáticas apontam que a fase de transição da adolescência para adultas jovens é significativa para a opção dessas mulheres pelos esportes coletivos de confronto. No futebol, como exemplo mais significativo, elas só dispunham de turmas quando se organizavam para pleitear esse espaço, o que só poderia acontecer se tivessem autonomia suficiente para dialogar pessoalmente com os profissionais do local.

Em outro estudo sobre cultura juvenil, Weller (2005) observa jovens negras e de origem turca no movimento *Hip-Hop*, em São Paulo e Berlim. A autora tenta compreender a participação feminina em sua luta para combater os papéis

tradicionais atribuídos aos sexos, que as exclui dos melhores espaços desta atividade. Os dados coletados nesses dois espaços da cultura jovem convergem com os dados das praticantes do CEMS na faixa etária de início da participação de mulheres – 15 anos – e a puberdade como fator de diferenciação e afastamento entre meninos e meninas, que até então brincavam juntos sem apresentar restrições. De forma ambígua, é na mesma fase que meninos e meninas ampliam a distinção de atividades específicas de cada um, que algumas mulheres começam a aparecer nas atividades de predomínio masculino. Tanto o futebol como o Hip-Hop são fenômenos culturais globais e espaço em que os(as) jovens expressam sua criatividade e se organizam como sujeitos.

Os questionários aplicados entre as praticantes de handebol, basquetebol e futebol, e as observações de campo, demonstram que quase todas circularam por diversas modalidades na fase de iniciação esportiva⁷ e que poucas tiveram experiência nos esportes coletivos de confronto neste período. Mais interessante ainda é que, feita a escolha por algum dos esportes coletivos de confronto, ao contrário das outras faixas etárias, quase todas as mulheres optam, independente de orientação dos professores, por praticar apenas a sua modalidade preferida na idade de adultas jovens.

A opção exclusiva das praticantes pelos esportes coletivos de confronto coincide com o fim da escolarização básica, da experimentação anterior de várias modalidades esportivas e de, provavelmente, uma maior autonomia em relação aos pais e a outras redes de relacionamentos originais.

Entretanto, como não circularam por estas modalidades no lazer esportivo na fase anterior, alguns outros elementos devem ser analisados para se compreender como elas construíram essa escolha.

Gênero, Escola e suas implicações no lazer esportivo

O termo gênero nasce no movimento feminista, ele surge com a necessidade de contrapor o argumento irrecorrível de que homens e mulheres são biologicamente distintos e recolocar este debate no campo social (LOURO, 1997). Dessa forma procurou, em sua origem, denunciar a invisibilidade, à qual de modo geral as mulheres estavam submetidas, e revelar uma nova forma de entender as relações entre homens e mulheres na sociedade.

Nessa perspectiva, nos estudos realizados a partir da década de 1990 sobre gênero e esporte na escola, revisitados por Chan-Vianna e Moura (2007),

⁷ Considerada pelos profissionais da educação física como sendo normalmente compreendida entre 5 e 15 anos. A fase seguinte chamar-se-ia de especialização esportiva.

os esportes coletivos de confronto foram quase sempre apresentados como o campo de tensão nas relações de forças hegemônicas e contra-hegemônicas das disputas entre meninos e meninas nas aulas mistas. Por depender de um perfil atlético e de atitude emocional contrários ao papel social tradicionalmente dado às mulheres, os esportes coletivos de confronto colocaram em pauta a competitividade, a agressividade, a força e a habilidade técnica como capital significativo no desequilíbrio das cotas de poder em favor dos homens nesta atividade.

Utilizando o argumento de que a história das mulheres está associada ao distanciamento do espaço público no lazer e que sua socialização impõe atitudes de passividade desde a infância, esses estudos de gênero tendem, em maior ou menor grau, a sugerir que sexo e desempenho atlético se combinam para que a prática dos esportes coletivos de confronto se torne ferramenta de discriminação e domínio masculino no espaço das aulas. Contudo, interessante notar que, frequentemente, nesses estudos também é identificada, mas quase nunca analisada, a capacidade de algumas meninas que conseguem jogar efetivamente com os meninos e que rompem com a lógica do discurso hegemônico, descortinando a homogeneização do gênero feminino e colocando na mesa de negociação por espaço, o desejo e o interesse por essas modalidades.

Essa participação das meninas nos esportes coletivos de confronto na escola se repete no espaço do lazer em que elas estão presentes, como nos dados deste estudo. Então, se existe a participação de mulheres na escola e no lazer, mesmo que em menor número, a condição de ser mulher, como categoria homogênea, por si só não explica completamente o fenômeno. É necessário que se entenda em quais situações, de que forma e em qual condição as mulheres participam, ou não participam, dessas modalidades. Mesmo considerando as estruturas sociais mais amplas que estabelecem os limites da mulher no espaço público, e mais ainda nos espaços masculinos reservados, é preciso compreender as interações sociais mais diretas, para identificar como cada grupo, ou mesmo como cada pessoa, se movimenta nesse mapa de orientação das ações que denominamos cultura.

Altman (1994), ao descrever turmas mistas de educação física escolar do ensino fundamental, observa também a exclusão de gênero presente, mas vai em frente e demonstra que “gênero, idade, força e habilidade – dentre outros possíveis critérios – formam um emaranhado de exclusões vividos em aulas e recreios” (p. 13) e que, apenas ser menina não determina a exclusão da prática esportiva. Ao mostrar que meninos também apresentam as mesmas dificuldades para se incluírem nas diversas atividades, generaliza o que seria exclusão e, com isso, abre margem ao entendimento de que as dificuldades apresentadas seriam parte dos rituais de passagem inerentes para a aceitação de qualquer pessoa,

160 Niterói, v. 10, n. 1, p. 147-168, 2. sem. 2009

em qualquer atividade coletiva. E, desse ponto de vista, é possível questionar se a análise de comparação entre homem e mulher é suficiente para entender como se constroem as oportunidades de cada um na prática do esporte.

A socialização das mulheres nos esportes coletivos de confronto

Por meio de observação participante (BECKER, 1977; 1997) no cotidiano do CEMS, foram realizadas entrevistas com as praticantes mais antigas das turmas adultas de basquetebol, handebol e futebol. O instrumento visava captar suas histórias de vida nas atividades esportivas. O significado que a escola tem no processo de socialização nos esportes coletivos de confronto foi aparecendo.

[...] Eu ficava em casa à toa. Pedia pra minha mãe me trazer, só que minha mãe não me trazia. Minha irmã (mais velha) vinha pra cá, mas também não podia me trazer porque ela sempre ia pra outro lugar daqui. Em casa minha mãe: Ah! Você é muito nova pra isso, não sei o quê... Até que um dia eu fiz treze anos, ela falou: Ah, vou te colocar, encheu tanto o saco que eu vou te colocar. E me colocou. [...] Eu ficava em casa. Ia pra escola. De casa pra escola, da escola pra igreja [...] nada relacionado a esporte. Só na educação física no colégio⁸

O depoimento da praticante registra bem a condição que as meninas vivem naquela região. Se pudesse traçar um perfil das características dessas mulheres, a partir das observações e dos relatos sobre infância e adolescência das praticantes com as quais convivi, seria de meninas que têm uma organização familiar em que as mães controlam suas atividades, valorizando seus estudos e os pais pouco aparecem no seu cotidiano; elas não trabalham e não participam regularmente das tarefas domésticas; como estão em um tradicional bairro de subúrbio da cidade, elas têm acesso à rua como espaço de lazer; e até esta idade, a escola e, em poucos casos, a Igreja, são os únicos lugares por onde elas transitam fora dos arredores das suas casas. A família, a rua e a escola, assim, exercem papel acentuado na socialização das meninas, que mais tarde farão opção pelos esportes coletivos de confronto.

As famílias combinam uma mistura de incentivo e restrição para as meninas que se arriscam a praticar atividades da tradição masculina. Na memória das entrevistadas, as falas sempre narram um espaço contestado, em poucas oportunidades se referem à relação com os pais como tranquila pelo fato de praticarem esportes coletivos de confronto. Interessante é o fato de ser bastante recorrente nas falas a imagem da mãe como o elemento de coerção, que

⁸ Praticante de basquetebol, 18 anos, entrou no CEMS para o voleibol. Com grande potencial atlético, sempre foi requisitada por vários professores de modalidades diferentes. Na época, além do basquetebol praticava atletismo, pouco tempo depois foi convocada para a seleção brasileira de sua idade e abandonou o atletismo.

se preocupa se elas vão *ficar toda machucada* ou com o *que os vizinhos vão dizer*. Já os pais, tios, irmãos mais velhos, ou padrastos, quando aparecem, são sempre incentivadores e quase sempre o familiar que leva as meninas para jogar na rua ou, em pouquíssimos casos, se matricular nos locais de prática do esporte formal. De um modo geral, parece que a participação das meninas se dá principalmente pelo apoio da figura masculina da família, enquanto as mães assumem a posição de uma espécie de protetora física e moral das meninas. Este dado aponta para uma relativização da barreira imposta pelos homens para as mulheres ocuparem o espaço público de lazer, em especial da prática de esportes da tradição masculina, tendo em vista que, no seio familiar, são eles os principais incentivadores.

Ao contrário da expectativa sobre a educação de mulheres, sobretudo das camadas populares, as meninas da pesquisa não informaram os afazeres do lar como tarefas do seu cotidiano. Por ser um dado conflitante com a percepção ancorada na tradição das obrigações da mulher, investiguei novamente, dessa vez perguntando diretamente às meninas. As respostas permaneceram negativas e, em apenas alguns casos responderam: – *ah! De vez em quando eu lavo uma louça*. Apesar da posição mais tradicional em que se encontram as mães nessas famílias, a organização coletiva da casa parece vislumbrar um projeto de vida diferente para as filhas.

O desejo pelos esportes coletivos de confronto se desenha muito antes da primeira experiência das praticantes nos espaços formais dessas modalidades. Nos relatos das histórias de vida esportiva, elas descreveram suas atividades na infância sempre ligadas aos jogos populares de rua – *queimado, bandeirinha, piques, pipa, uma corda amarrada nas árvores pra jogar vôlei e futebol*⁹ foram os mais citados. É interessante notar que nas entrevistas, quase nenhuma das típicas brincadeiras de meninas são resgatadas. É fácil supor que em algum momento da infância foram oferecidas a elas bonecas, casinhas e coleção de papéis de carta e que efetivamente elas compartilharam com as amigas formas de brincar com estes elementos. No entanto, a memória, segundo Santos (1998), opera reconstruindo uma série de imagens fragmentadas de um conhecimento que temos identificação. Estas imagens vão constantemente sendo transformadas, resignificadas, pelas novas experiências acumuladas. Por isso são tão significativas as atividades citadas pelas praticantes, comuns nessa idade para crianças de ambos os sexos. As características dessas brincadeiras são a utilização da força e da velocidade, da disputa entre equipes e da agressividade. Sabemos, pela experiência diária da intervenção pedagógica,

⁹ Futebol aqui é o modo como as meninas identificam as diversas brincadeiras de rua que têm as características do futebol (uso dos pés para controlar a bola), algumas têm origem na representação do jogo institucionalizado, outras não.

que o desejo por determinada atividade corporal está ligado diretamente à capacidade de desempenhar bem esta atividade. Tanto da rua para a escola como da infância para a adolescência, o processo de escolha das crianças segue as sensações positivas anteriores que dirigem sua procura por uma nova atividade similar à anterior. Assim, dos jogos populares para os esportes formais, as meninas procuram, mediadas pela sua competência, um lugar em que encontrarão melhor possibilidade de realização pessoal e estima.

Parece coerente suspeitar, então, que, devido aos avanços e conquistas das mulheres nos espaços antes quase exclusivos dos homens, o desempenho atlético, o espírito coletivo e a agressividade, aparecem como elementos necessários para a possibilidade de elas participarem dos esportes coletivos de confronto e não a sua condição de mulher para serem excluídas. Com todas as ressalvas que essa afirmação implica, o importante é que, ao contrário de uma atividade de caráter sexista, como apontam estudos de gênero, a prática dos esportes coletivos de confronto na escola, ao menos para essas meninas que gostam e tentam jogar, é um espaço de oportunidade de transgressão da norma. Uma das praticantes relata bem esse contexto e suas estratégias de ação:

[...] me lembro de tudo, era separado, eu mesma que saía de onde estava porque gostava mais do que os meninos faziam e eu brincava com eles. [...] as meninas tinham vezes que até dançavam, eu não gostava, tinham meninas também que vinha pro futebol, duas que gostavam e vinham comigo pra jogar, mas na maioria ou era handebol, queimado ou uma bandeirinha, coisa bem tipo da menina [...] às vezes, eu jogava com as meninas, às vezes com os meninos. E aí jogava futebol com eles e jogava um pouquinho aqui um pouquinho ali, mas lembro muito do handebol e futebol, até a oitava série foi a minha educação física... Foi isso.¹⁰

A educação física à que as praticantes se referem segue o modelo considerado na profissão como aula tradicional. Os conteúdos são os diversos esportes e as turmas, quando não são divididas por sexo, são divididas pelo(a) professor(a) para que exista espaço reservado tanto para meninos como para meninas na aula, conservando, assim, o conforto da norma estabelecida pela cultura. Nesse contexto, as meninas, a princípio, são levadas a seguir a maioria que opta pelas atividades da tradição feminina e permanecem no estágio anterior, rudimentar, dos jogos populares vivenciados na rua. Esta condição, por vezes, é considerada academicamente como discriminatória e sexista. Entretanto, pode ser um ambiente favorável, que promove nas meninas que se interessam por esportes coletivos de confronto, a chance de se arriscar a participar do lado masculino e, assim, desenvolver estratégias de negociação, com seus pares e com os outros, para satisfazer seus desejos, de forma controlada e assistida, típica do ambiente escolar.

¹⁰Praticante do futebol, 19 anos.

Na narrativa de outra praticante, questionada pela pouca presença feminina na sua modalidade, ela explica sua trajetória e as estratégias para conseguir se inserir: *Acho que começa no colégio, menina que não gosta de educação física? Acabou!*.¹¹

A socialização de uma pessoa não se constrói por meio de algumas instituições apenas, mas de todas as suas interações durante a vida. A formação do gosto esportivo não se resume às suas práticas imediatas, mas a todos os outros hábitos que vão construindo seu “estilo de vida” (GIDDENS, 2002). A religião, por exemplo, faz parte da rotina de algumas dessas praticantes e certamente é relevante em todo esse processo e não só das frequentadoras mais assíduas às igrejas. O *ficar a toa* no tempo livre, que elas narram, é certamente preenchido por múltiplas informações vinculadas pelos meios tecnológicos que a modernidade insere o Mundo dentro da casa de cada um, e também vão formando suas sensações e opiniões.

A família, a rua e a escola, no entanto, no contexto social em que estão inseridas as praticantes estudadas, são espaços privilegiados para a escolha das atividades esportivas no mapa de orientação que a cultura lhes vai desenhando. Ao mesmo tempo em que esses lugares, em grande medida, determinam o papel social de gênero tradicional, a escola em especial, intencionalmente ou não, promove também oportunidade para a experimentação e socialização de novas possibilidades. E se pensarmos que existem essas possibilidades no contexto escolar, é na aula de educação física, o espaço em que os alunos(as) tem maior oportunidade de expressão, comparação e identificação de seus corpos, tão fundamental para a construção de seus comportamentos. É na escola que essas meninas, que se interessam por esportes coletivos de confronto, experimentam, como um laboratório, o estigma e as negociações que irão acompanhá-las no decorrer das suas movimentações no lazer, para estender suas fronteiras.

Chaves explicativas para as distinções do feminino no esporte

O avanço das mulheres no mundo do lazer esportivo é significativo. Elas já aparecem em maioria, mas ainda se concentram nas modalidades da tradição feminina. Nos esportes coletivos de confronto, ligados à tradição masculina, ainda estão em minoria e as suas praticantes convivem com o estigma de pertencer a um local inadequado. No entanto, projetos socioesportivos, como

¹¹Praticante de basquetebol, 18 anos. Durante o período da pesquisa era a única com frequência regular na atividade e jogava entre os homens de nível avançado.

o CEMS, aparecem como um novo ambiente, no qual as mulheres encontram possibilidade de participar dessas modalidades, estendendo suas fronteiras.

Antes de ocuparem esses locais, as experiências originadas na escola são fundamentais para as mulheres que se propõem a jogar os esportes coletivos de confronto. Ao mesmo tempo em que o ambiente escolar informa e reforça as identidades fixas de gênero da tradição, permite distinções dessas mesmas identidades. Para as mulheres investigadas na pesquisa, a educação física, em especial, ofereceu oportunidades para desenvolverem formas de negociação de suas individualidades ao contexto. Em continuidade, no lazer esportivo público, elas puderam vivenciar novas interações que foram construindo suas identidades. As instituições que determinam e conformam as individualidades também oferecem a oportunidade de diálogo com as fronteiras estabelecidas pela norma tradicional.

A experiência com o mecanismo do estigma exige das praticantes de esportes coletivos de confronto a organização de uma nova narrativa que as tornem coerentes, mas distintas da norma da feminilidade. Uma naturalização de sua escolha por um esporte de predomínio masculino, a partir do gosto pelas brincadeiras agressivas e de espírito coletivo desde a infância, é um exemplo. Ao mesmo tempo, o distanciamento das atividades do lar e os demais modos de cuidados e incentivos dos pais, no limite de possibilidade que o ambiente tradicional e a geração a que pertencem permite, revelam que esse estilo de vida individual também se combina, em parte, com um projeto familiar. Na complexidade de todo esse processo, é necessário compreendermos se a identidade de gênero, nesses casos, se resume à distinção entre o feminino e o masculino e às suas relações de força tradicionais.

Scott (1995) define gênero como o elemento constitutivo de relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e um campo primário no qual o poder é articulado, mas observa, no entanto, que os discursos e representações sobre ele estão em constante mudança. Ao se preocupar com esse movimento de mudança, analisando os estudos nesse campo, afirma que existe um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros, numa hierarquia fixa de dominação-submissão e que para o avanço desses estudos seria necessário implodir essa lógica. Essa crítica à polarização e à invariabilidade do gênero aproxima o conceito de Scott da interpretação de Hall (2005) e Giddens (2002) a respeito das novas identidades culturais da modernidade. Esta aproximação sugere a necessidade de pensarmos novas formas de olhar para as transformações que estão ocorrendo ao nível das identidades de gênero, relacionadas às práticas esportivas da atualidade.

As transformações da modernidade afetam questões íntimas e existenciais. A “segurança ontológica” estabelecida pelo referencial protetor da tradição tem de ser substituída pelo o que Giddens (1995, 2002) denomina de um projeto reflexivo de construção da identidade. Por isso, segundo o autor, para além da percepção do excessivo narcisismo sobrepondo aos interesses coletivos de nossos dias, a busca da autoidentidade é uma força subversiva da maior importância. Ao necessitar exercer o poder de sua individualidade e por existir espaço para tanto, as pessoas procuram se agrupar em torno de uma identidade comum que provoque a luta por novos espaços de igualdade para todos, em um nível coletivo.

Para verificar mudanças nos espaços públicos de lazer esportivo e a validade da afirmação de Giddens é insuficiente investigar as mulheres praticantes de forma generalizada na sociedade e a partir de pressupostos antigos. Se vamos enfrentar o desafio, sem cair nas armadilhas do pensamento fixo sobre gênero, que nos alerta Scott, será preciso analisar a trajetória individual do sujeito; as interações com os outros indivíduos e os resultados dessas ações coletivas para o seu cotidiano; e aí sim, interpretar tais dados levando-se em conta as instituições mais amplas, que orientam suas tomadas de decisão. Considerando que a mulher tem essa capacidade de decidir, é preciso compreender em que medida a identidade adquirida em função da sua trajetória individual – singular e autêntica – é significativa e como ela negocia a condição de mulher dada *a priori* pela cultura nas suas escolhas, como, por exemplo, na adesão e permanência em determinado grupo de atividade esportiva.

Dessa forma, o esforço para o entendimento da movimentação das mulheres na prática do lazer esportivo tornar-se-á significativo e poderá abrir caminhos de compreensão do fenômeno da transgressão das normas e da construção das novas narrativas identitárias, que vão transformando as representações do feminino em nossa cultura.

Abstract: The goal of this paper is to describe the participation of women in sport of masculine tradition. It depicts a general view of women in sport, followed by the involvement of them with team sports of confrontation in a socio sporting project in the city of Rio de Janeiro. Empirical data have been collected in ethnographical approach, marked by the challenge of looking at cultural orientation, in order to observe where and how women practicing masculine sports move themselves in cultural terms. For collecting data, we worked with

semi-structured interviews and a copybook for registering unusual facts and behaviours. The effort for describing and understanding women's moves in sporting and leisure activities of masculine tradition allowed us understanding the phenomenon of transgression from norms and the construction of new identity narratives, which transform representations of feminine in our culture.

Keywords: women; sport; identity.

Recebido em abril de 2009 e aceito para publicação em julho de 2009.

Referências

- ALTMAN, H. Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero. **Revista Motus corporis** - v. S1, n.1. Rio de Janeiro: UGF, 1994
- BECKER, H. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- _____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CHAN-VIANNA, A, J; MOURA, D.L. **Gênero e educação física escolar**. XV congresso brasileiro de ciências do esporte Recife, 2007
- DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa. DIFEL, 1992.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- _____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A; BECK, U; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo. EDUSP, 1995.
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MOURÃO, L. **A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50**. In: VOTRE, S. (org.). A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Ed Central UGF, 1996.
- PASKO, V.C. **A popularidade do handebol no contexto escolar e extra-escolar do Rio de Janeiro**. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UGF, 2005
- PNAD/IBGE 2001
- SALLES-COSTA, R. et al. **Associação entre fatores sócio-demográficos e prática de atividade física de lazer no estudo pró-saúde**. *Cad. Saúde Pública*, jul./ago. 2003, vol.19, no. 4, p.1.095-1.105.

GÊNERO

SANTOS, M. S, dos. **Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos.** Rev. Bras Ci Soc, São Paulo, v 13, n 38, 1998

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre. 1995

SOARES, A.J.G., Leal, T.P., LOVISOLO, H. **A formação dos corpos femininos no início do séc. XX.** In VOTRE, S. (org.). A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Ed Central UGF, 1996.

WELLER, W. **A presença feminina nas (sub)culturas juvenis:** a arte de se tornar visível. Florianópolis. Revista Estudos feministas v.13 n.1. Jan/ abr 2005.